

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 010 20/03/2006 - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (20/03/06)	Recortes
<p><b>GRÃOS</b> (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Feijão Carioca - R\$ 85,00 a 90,00 / sc de 60 kg                      Fonte: COARP</p> <p>Milho – R\$ 14,0 / sc de 60 kg</p> <p>Soja – R\$ 21,00 / sc de 60 kg                      Fonte: COOPA-DF</p> <p><b>HORTALICAS</b> (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Alface – R\$ 7,00 / cx de 7 kg</p> <p>Beterraba – R\$ 10,00/ cx 20 kg</p> <p>Cenoura – R\$ 15,00 / cx 20 kg</p> <p>Chuchu – R\$ 9,00 / cx 20 kg</p> <p>Couve Manteiga – R\$ 0,50 / (maço 500 g)</p> <p>Couve Flor – R\$ 18,00 / Dz</p> <p>Mandioca – R\$ 7,00 / cx 20 kg</p> <p>Morango – R\$ xxxx / caixa (04 cumbucas de 350 g)</p> <p>Pimentão – Campo R\$ 8,00; Estufa R\$ 10,00 / cx 12 kg</p> <p>Repolho – R\$ 7,00 / sc 20 kg</p> <p>Tomate – R\$ 15,00 / cx 20 kg                      Fonte: CEASA-DF</p> <p><b>FRUTICULTURA</b> (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Goiaba – R\$ 18,00/ cx 20 kg</p> <p>Maracujá – R\$ 1,20 / kg</p> <p>Tangerina Ponkan - R\$ xxx / cx 20 kg</p> <p>Limão – R\$ 5,00 / cx 20 kg                      Fonte: CEASA-DF</p> <p><b>PECUÁRIA</b></p> <p><b>Bovino</b></p> <p>Arroba – R\$ 49,00 NR e R\$ 51,00 R                      Fonte: FNP / FRIGOALFA</p> <p>Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelorados )                      - R\$ 320,00- R\$ 330,00                      Fonte: Zoonews/Ezio – Padre Bernardo</p> <p><b>Leite</b></p> <p>Litro – Latão: R\$ 0,00 ; Tanque: R\$ 0,50                      Fonte: Araguaia</p> <p><b>Suíno - Vivo</b></p> <p>Kg – R\$ 1,90                      Fonte: Asa ALIMENTOS</p> <p><b>Aves – Frango Vivo</b></p> <p>Kg – R\$ 1,10                      Fonte: Asa ALIMENTOS</p> <p><b>Carneiro</b></p> <p>Kg - R\$ 3,50 (Borrego) – carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50                      ovelha e carneiro para descarte – carcaça R\$ 5,80                      Fonte : FRIGOALFA</p>	<p><b>OMS terá plano de defesa</b></p> <p>A Organização Mundial da Saúde (OMS) deverá em alguns dias formular um plano mundial de defesa para o caso de uma pandemia de temível gripe de aves.</p> <p>Segundo o coordenadora da OMS para a luta contra a gripe aviária, Margaret Chan, "os acontecimentos das últimas semanas justificam este temor", disse. Ela se referência à rápida propagação do H5N1, a cepa mais perigosa do vírus. O H5N1 tem acometido pássaros selvagens e criações de aves.</p> <p>"O vírus já alcançou progressivamente as aves selvagens e domésticas em 17 países de África, Ásia, Europa e Oriente Médio", lembrou a funcionária da OMS.</p> <p>"Desde o início do século 21, o medo de uma propagação das doenças infecciosas aumentou muito rápido, primeiro com a Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars) e agora com a ameaça representada por uma pandemia de gripe de aves", disse a funcionária da OMS. A Sars matou 776 pessoas na Ásia no início desta década.</p> <p>Entre as possíveis ferramentas de defesa contra a doença, estão o uso de quarentenas e do antiviral Tamiflu, do laboratório suíço Roche, como medidas centrais na batalha contra a ameaça.</p> <p><b>Fonte : Gazeta Mercantil</b></p> <p><b>Preço do milho despensa por conta da gripe</b></p> <p>A gripe aviária que tem gerado preocupação em âmbito mundial e conseqüente retração no consumo da carne de frango, fez com que o preço do milho, principal alimento usado nas granjas, despencasse. Ontem a cotação em Dourados estava entre R\$ 8,50 a R\$ 8,70 a saca de 60 quilos contra preço de R\$ 10,30 a R\$ 10,40 em 10 de fevereiro. A queda em pouco mais de um mês é de 18%.</p> <p><b>Fonte: Campo Grande News</b></p> <p><b>GO: Venda ao governo é bom negócio - Agricultores são estimulados a vender produtos que serão usados nos programas sociais</b></p> <p>Agricultores familiares que produzem arroz, milho, feijão e farinha podem comercializar seus produtos para o governo, por meio da Compra Direta da Agricultura Familiar, programa que é coordenado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Esses alimentos formam os estoques estratégicos e emergenciais do governo e posteriormente são distribuídos para programas de combate à fome, em especial o Fome Zero</p> <p><b>Fonte: Agrolink</b></p>

## **Agronegócio tem queda de 4,7% no PIB em 2005**

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro registrou queda de 4,66% no ano passado, segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O indicador - que inclui produção primária da agricultura e pecuária, insumos e distribuição - fechou o ano em R\$ 537,63 bilhões. Para 2006, a CNA prevê continuação na crise do setor. "As perdas na renda do produtor registradas em 2005 não serão recuperadas neste ano", afirma o chefe do Departamento Econômico da CNA, Getúlio Pernambuco.

A redução do PIB da agropecuária foi de 9,79%. As maiores perdas foram registradas pela agricultura, com queda de 15,46% do PIB, para R\$ 85,2 bilhões. Os números contradizem os dados do IBGE, que apontam crescimento no PIB da agropecuária de 0,8% em 2005. "As perdas do setor tiveram impacto muito maior na economia. Pelo nosso indicador, o PIB total foi de 0,9% e não 2,3%, como divulgou o IBGE", calcula.

O Valor Bruto da Produção (VBP), que soma o faturamento dos 25 principais produtos da agropecuária, caiu 9,8% em 2005, para R\$ 167,7 bilhões no ano passado. Para 2006, a previsão é de queda de 1,7%. A CNA voltou a falar em renegociação de dívidas.

A balança comercial do agronegócio fechou o primeiro bimestre com saldo recorde de US\$ 4,87 bilhões. Apesar de o resultado ser 6,1% maior do que o do mesmo período de 2005, a CNA acredita que as exportações estão perdendo fôlego. No primeiro bimestre de 2005, o crescimento dos embarques foi de 23,4%. A expectativa é de que as vendas externas do setor fiquem estáveis em 2006, fechando o ano em US\$ 43 bilhões. O saldo da balança deve cair, com as importações favorecidas pela apreciação do real, ficando em US\$ 37 bilhões, ante US\$ 38,4 bilhões em 2005.

**Fonte: Gazeta Mercantil**

## **Consumo da carne de ovinos estimula investimento**

O mercado de ovinos está em franca expansão no Brasil e tem atraído o interesse de criadores, empresas que fornecem produtos para o segmento e do varejo. Até a década de 90, a lã era o carro-chefe do setor, mas hoje a carne é o item mais procurado. O rebanho nacional de ovinos é avaliado em 15 milhões de cabeças, segundo dados de 2004 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). "Estima-se que o rebanho seja muito maior. O consumo de carne ovina tem crescido bastante nos últimos anos", explica o consultor da unidade de agronegócios do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Enio Queijada.

O quilo do corte nobre de ovino "carret francês" é vendido por R\$ 96 no varejo, valor quase sete vezes maior que o da picanha bovina maturada, segundo o consultor. Apesar da maior procura pela carne ovina, o consumo brasileiro per capita não ultrapassa 700 gramas por habitante/ano. Na Nova Zelândia, esse volume é de 40 quilos por habitante/ano, segundo o presidente da Associação Paulista de Criadores de Ovinos (Aspaco), Arnaldo dos Santos Vieira Filho. "A ovinocultura é mais rentável que a pecuária, por oferecer maior rendimento e giro mais rápido. Muitos pecuaristas têm a ovinocultura como atividade complementar", diz Vieira.

O criador de bovinos da raça angus da VPJ Beef, Valdomiro Poliselli Júnior começou a criar ovinos da raça dorper em 2002. Ele comercializa ovinos dorper e vende carne de animais cruzados para restaurantes e em domicílio. "Estamos satisfeitos. A demanda é muito grande", diz. O cruzamento dos animais é feito por integrados. Este ano, a VPJ vai investir R\$ 1 milhão em projeto próprio para cruzamento de fêmeas da raça Santa Inês com machos dorper em Nova Crixás (GO).

Poliselli conta que uma vaca de cria ocupa a mesma área de dez ovelhas da raça dorper em procriação. O criador destaca que um animal resultante do cruzamento de dorper com outra raça está pronto para abate aos três meses, enquanto bovinos são abatidos com 36 meses. "A taxa de produção de dois cordeiros por gestação chega a 40%, enquanto a de dois bezerros é de 2%. A rentabilidade da ovinocultura de corte é quatro vezes maior que a da bovinocultura", diz Poliselli.

### **Saúde animal**

As vendas de suplementos minerais e produtos para saúde de ovinos acompanham a expansão do mercado, embora ainda sejam pequenas em relação ao negócio das empresas. A Tortuga Companhia Zootécnica Agrária pretende elevar seu faturamento com as linhas para ovinos e caprinos em 20% este ano, ante o crescimento de 25% em 2005. De acordo com o coordenador nacional de ovinos e caprinos da Tortuga, Antonio Augusto Coutinho, os dois segmentos respondem juntos por cerca de 2% do faturamento da empresa, que foi de US\$ 190 milhões em 2005.

Na Fort Dodge Saúde Animal, produtos para ovinos e caprinos representam 4% da receita de R\$ 70 milhões, segundo o gerente do segmento, Leonardo Alves. "O mercado é emergente em São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás", diz Alves.

**Fonte: Gazeta Mercantil**